

O Brasil não merecia

AUGUSTO NUNES

O quadro **Isto É Incrível**, um dos mais populares do **Programa Silvio Santos**, costuma exibir personagens capazes de proezas de alguma forma impressionantes — engolir duas dúzias de ovos cozidos, por exemplo, ou imobilizar um carro com uma corda presa aos dentes. Não há registro de que algum político brasileiro tenha passado por lá, embora haja entre eles tantas figuras carimbadas cuja especialidade é a produção do inverossímil. Que tal homenagear a espécie com um convite ao presidente José Sarney?



Sarney poderia alcançar uma boa goleada no Ibope contra o **Domingão do Faustão**, se resolvesse mostrar às colegas de trabalho de Silvio Santos como tem sido incrível o quinto ano de seu governo — o quinto ano do governo Sarney, o 15º de fim exasperante processo de transição iniciado nos idos já distantes de 74, sob a tutela do general Ernesto Geisel, e uma interminável 25ª hora para brasileiros exauridos por tantos sobressaltos. Terminado o relato, Sarney uniria sua voz à da platéia para avisar que Silvio Santos vem aí. Seria um belo quadro. Sarney merece. Silvio Santos merece. Eles se merecem.

O quinto ano da era Sarney de nada mais precisava para se tornar inesquecível. Como esquecer o tempo em que uma inflação de mais de 1.300% servia para provar que as coisas estão sob controle, como informam os homens da área econômica? Em que o Brasil importava álcool para manter em circulação veículos movidos a um tipo milagroso de combustível que havíamos inventado? Em que os presidentes das nações de língua portuguesa se reu-

niam em São Luís do Maranhão para debater a unificação de regras ortográficas, como se fôssemos entendidos suecos em busca do que fazer? Pois Sarney achou que tudo isso (e muito mais) era pouco. E decidiu tornar ainda mais incrível a sucessão, despindo-se de camuflagens já em frangalhos para se mostrar ao País como efetivamente é: uma caricatura de presidente.

Chefe de um governo marcado pelo naufrágio da economia, pelo adensamento dos prenúncios de tormentas sociais e pela multiplicação dos corruptos federais, Sarney mantinha-se até agora agarrado a uma atenuante que talvez tornasse menos severo seu julgamento pela História: homem tolerante, ele parecia ter contribuído para que a etapa final da demoradíssima travessia do Brasil rumo à normalidade democrática se consumasse sem mais traumatismos. Com o lançamento da candidatura Silvio Santos, essa atenuante não existe mais.

O Sarney estadista não passa de perversa ficção

O Brasil, hoje, sabe que o José Sarney com postura de estadista, disposto a presidir a própria sucessão com a isenção distante dos magistrados, não passava de perversa ficção — perversa e de segunda categoria, como a ficção produzida pelo romancista José Sarney. A fachada do presidente tolerante e conciliador destinava-se a ocultar o político ressentido e provinciano, pronto a se amesquinhar para dar um empurrão nos projetos eleitorais de parentes e, simultaneamente, se vingar de candidatos que o criticavam com aspereza.

Foi esse prisioneiro do ressentimento e do desejo de vingança que resolveu vetar a norma, aprovada pelo Congresso, segundo a qual só poderia disputar a Presidência da República quem se filiasse a algum partido até seis meses antes da eleição. O veto, sabemos agora, seria a

gazua feita sob medida para arrombar, quando necessário, a porta atrás da qual espriavam arrivistas e aventureiros.

Sarney, primeiro, indicou essa porta a Jânio Quadros, imobilizado pela saúde debilitada. Depois, fez acenos a Antônio Ermírio de Moraes, um homem demasiado decente para se meter com parceiros suspeitos. Às vésperas da eleição, Sarney se animou com a idéia de um arranjo que favorecesse o campeão das tardes de domingo. E Silvio Santos vem aí.

Vem aí com o codinome de Armando Corrêa — um candidato profissional, que costuma fazer bons negócios, de preferência em dólares, com o seu PMB. Vem aí escoltado por políticos que só se associaram a ele por terem encontrado fechadas outras portas da esperança. Os senadores Marcondes Gadelha e Hugo Napoleão, por exemplo, não foram suficientemente ágeis para se juntarem a outros atraentes comboios antes que adversários regionais o fizessem. Apenas por isso se inscreveram neste show que aglutina calouros espertos e veteranos espertalhões, como o ex-deputado Múcio Athayde.

Nesse patético cortejo de provincianos inquietos figura o maranhense José Sarney, preocupado com a candidatura do filho Zequinha ao governo do seu Estado nas eleições de 1990. Como o senador João Castelo, também candidato, aderiu a Fernando Collor — e como o próprio governador Epitácio Cafeteira ameaça collorir —, Sarney julgou conveniente procurar votos para Zequinha em outro baú. Quem procura, acha. Sarney achou Silvio Santos.

Um país que esperou 29 anos pela eleição deste novembro não merecia chegar ao dia 15 imerso em incertezas e angústias que farão da eleição presidencial, sobretudo, um caso a ser resolvido pela Justiça. O Brasil não merece isso, como não merecia o governo Sarney.

Augusto Nunes é diretor de redação do Estado